

Crianças nos parques: imagens de infância

Márcia Gobbi*

Resumo: Quais as imagens da infância de crianças freqüentadoras de parques infantis do início do século passado? Na cidade de São Paulo, durante o período que compreende os anos de 1935 a 1938, onde estavam os meninos e meninas e o que faziam nestes espaços reservados primordialmente para a vivência do ser criança – para transbordar esse ser expressando-se em suas mais diferentes linguagens? O que nos revelam as imagens destes parques? Que espaço era ocupado pelos desenhos e demais formas de expressões artísticas? O que as imagens fotográficas nos mostram? Qual o lugar das atividades de expressão corporal neste espaço? Estas são algumas das questões levantadas neste artigo tendo como foco para sua abordagem os parques infantis do período referido no município de São Paulo.

Palavras-chave: Infância, desenhos, parques-infantis, fotografia.

Abstract: What are our childhood images of children in playgrounds in the beginning of the 1st century in the city of São Paulo during the 1935-1938 period? Where were those boys and girls and what did they do in those spaces reserved specially for children's experience – overflowing with self expression in their many different languages? What do these images reveal to us? Which space was taken up by drawings and other forms of expression, what do the photographic images show us? Which rank body expression occupied in this space? These are some of the questions raised in this article having playgrounds as its focus of approach in that period in the city of São Paulo.

Key-words: Childhood, drawings, playgrounds, photography.

1. Introdução

Os Parques Infantis – atualmente conhecidos como EMEIS: escolas municipais de educação infantil – e as crianças, as quais estou chamando aqui de pequenas, na faixa etária de 4 a 6 anos, têm sido alvos de inúmeras pesquisas, provocando os olhares e interesses de campos de conhecimentos diversos. Universo tão amplo que sempre há o que explorar e conhecer. Este texto tem como pano de fundo algumas questões frutos de minha vida profissional como professora de educação infantil em concomitância e consonância com o trabalho de pesquisa acadêmica desenvolvido na mesma área (Gobbi, 1997).

* Doutoranda da FE – Unicamp, professora de educação infantil da PMSP e professora do curso de Pedagogia em faculdades da rede privada.

Este artigo se propõe a contribuir com os estudos sobre a educação infantil e infância dos pequenos e pequenas sendo os parques infantis dos anos 30 em São Paulo a referência básica. Eles foram criados para crianças na faixa etária dos 3 aos 12 anos ultrapassando portanto, o que temos hoje como escolas de educação infantil. Os recursos utilizados para encaminhar uma breve discussão sobre este tema são as reproduções de fotografias de crianças nos parques, enfocando algumas atividades desenvolvidas no interior deste espaço reservado para a criança ser criança. São fotos de freqüentadores e freqüentadoras dos parques infantis durante o período em que seu criador e idealizador, o poeta Mário de Andrade, estava à sua frente como chefe do Departamento de Cultura do município de São Paulo, na gestão do prefeito Fábio Prado. Às fotos de crianças como fotografias de alguns desenhos produzidos por estas crianças e resultados do concurso de desenhos proposto às crianças com idade entre 3 e 12 anos pertencentes aos Parques da Lapa, Ipiranga, Parque D. Pedro II e Biblioteca Municipal. Lembro ainda que esta forma de expressão conjugava-se a muitas outras neste espaço cujo objetivo era cuidar, recrear, assistir, sem ter como meta antecipar a escolarização. Os desenhos foram escolhidos entre os 2262 coletados por Mário de Andrade, resultantes deste concurso. Embora este trabalho tenha como ênfase questões para pensarmos sobre a educação infantil, dois dos desenhos apresentados foram produzidos por um menino de 10 anos – desenho ao qual atribuí a nomenclatura de F2 – e por um outro menino de 8 anos com a nomenclatura aqui de F6. Isto deve-se ao fato de que ao manipular, tanto os desenhos como as fotografias, fiquei espantada com a semelhança entre as imagens F1 e F2 e F6 e F7. Minha proposta não é a de enquadrá-los em fases realistas das crianças, tema este que não será discutido aqui, mas como os mesmos podem trazer paisagens tão presentes nos parques de forma bastante coincidente assemelhando-se às fotos tiradas destes espaços. Os demais também nos representam elementos recorrentes os quais somos levados a considerar como devendo estar presentes os parques ou em alguma forma de trabalho realizada com as crianças¹.

As imagens aqui apresentadas serviram-me como guias que chamavam a seguir-las por caminhos onde aspectos da infância de um passado não tão distante iam se revelando. Crianças brincando, desenhando em papéis, nos tabuleiros de areia, em seus próprios corpos, dançando, cantando, sendo crianças. É este percurso que pretendo seguir de forma breve apresentando alguns pontos que podem suscitar discussões sobre as escolas de educação infantil do presente, depois de bebermos nas fontes de um passado próximo.

Algumas questões foram se impondo ao meu olhar e é delas que pretendo tratar ainda que brevemente. Na cidade de São Paulo, durante o período que compreende os anos de 1935 a 1938, onde estavam os meninos e meninas e o que faziam nas áreas que lhes eram reservadas para o brincar, aprender, viver? O que

1. Nos estudos sobre desenho infantil, durante muito tempo preponderou a idéia de que eles mantinham os mesmos traçados e temáticas, dependendo da faixa etária daqueles que os produziam. Tais estudos, que ainda fazem parte da composição de nosso olhar sobre essa produção infantil, podem ser refutados atualmente por sabermos que o contexto social, cultural no qual a criança está inserida também contribui de forma determinante na escolha de temas e jeitos de desenhá-los.

revelam as imagens destes parques infantis? E os desenhos produzidos por seus freqüentadores, o que nos trazem de informações sobre seu mundo vivido e imaginado e sobre a vida nos próprios parques? Como as expressões artísticas, tão enfatizadas no cotidiano dos parques infantis, eram entendidas por seu idealizador? Para abordá-las optei por dar o seguinte encaminhamento ao texto: em “Sobre as imagens fotográficas e os desenhos infantis” procuro apresentar os recursos utilizados para a realização deste trabalho, as fotografias dos parques e dos desenhos neles produzidos pelas crianças. Num segundo momento em “Os parques infantis como locais de expressão da infância” trago uma breve discussão sobre os parques, afirmando alguns de seus pressupostos. Procuro, a partir deles situar Mário de Andrade, o poeta e educador preocupado com a existência de uma Arte que devesse estar diluída no cotidiano dos cidadãos independentemente de sua condição social. Será que esta proposta já não estava sendo iniciada com as crianças nos anos 30?

2. Sobre as imagens fotográficas e os desenhos infantis²

Referindo-se às imagens nos diz o poeta brasileiro Manuel de Barros “(...) atingi o reino das imagens, o reino da ‘despalavra’³” (Barros, 2000, p.23); seu olhar poético, sensível pode remeter-nos à procura e ao sentimento do “instante nada das coisas” – outra de suas afirmações. Somos capazes de retratar o silêncio, o perfume, o vento, com traços que desenham sensações, sugerem percepções as mais variadas possíveis. Aproveito esta reflexão para incluir mais uma: como essas imagens desenhadas por crianças podem nos trazer este instante nada/tudo, não somente aos olhares de poetas, mas também daquele que se permite um tempo mais lento de olhar, daquele que mergulha, frui, contempla? Que olhar/olho é este que podemos e devemos ter diante de desenhos, essas imagens do passado e do presente que teimam, tantas vezes, em nos dizer coisas, mesmo sendo “despalavra”, tornando-se presentes, adquirindo vida, sons, movimentos, cores, cheiros... traduzindo momentos vividos, sonhados, desejados?

A utilização de desenhos e demais imagens em pesquisas, tais como a própria fotografia, podem gerar questionamentos diversos. Procurei utilizar estes materiais como suportes, como textos riquíssimos de informações e vida e que muito têm a nos dizer sobre o que foi fotografado e desenhado sem serem contudo, considerados espelhos da realidade. O que apresento neste trabalho são fotos de desenhos de crianças pequenas freqüentadoras dos Parques Infantis da cidade de São Paulo – a paulicéia desvairada – durante o período em que Mário de Andrade dirigia o Departamento de Cultura na gestão do prefeito Fábio Prado, durante os anos de 1935 a 1938. São crianças brincando, desenhando, criando seu mundo e sua cultura e as quais podemos ver como desenhistas em suas produções, que confesso, deixam-me com um certo sentimento nostálgico e o desejo de que tais cenas sejam revividas com toda sua “completude” no ensino público brasileiro.

2. As imagens encontram-se enumeradas da seguinte forma: F1, F2, F3, F4, F5, F6, F7 e F8.

3. Gífo meu.

Estas imagens, que servirão como suporte, talvez guias em uma breve incursão sobre os Parques Infantis e sobre as quais comentarei mais adiante, nos possibilitam mergulhar e refletir sobre os gestos, brincadeiras, jeito de ser das crianças de ontem e de hoje, ou somente contemplá-las. As fotografias conseguem brincar com o tempo de tal forma que o passado torna-se presente aos olhos de quem as vê. Neste caso, encontram-se aqui diluídas em meio ao texto escrito por acreditar que ambos – imagens e escritos – são textos que podem ser traduzidos, tal como afirma Milton de Almeida ao prefaciá-lo livro “Imagens do Corpo na Educação” de Carmen Soares (1998). Para este pesquisador, “o significado das palavras são também os significados do como elas se mostram. Então também se vê um texto. Um texto é uma imagem” (op.cit., prefácio, sem paginação). Ambas podem existir e coexistir de maneira a provocar reflexões, sensações, a respeito do que se vê e podem dar suporte para discussões sobre o tema abordado, uma das propostas deste artigo.

Estas afirmações remeteram-me também à bibliografia italiana com a qual venho entrando em contato. Destaco o livro “I Piccolissimi del cinema muto”, produzido pela Reggio Children, onde são privilegiadas fotos que têm como protagonistas um grupo de crianças “pequeninhas”, entre 1 e 2 anos de idade e como contexto a creche freqüentada por eles. A trama norteadora dos quatro atos nos quais é dividido o livro tem como eixo um livro de imagens de peixes. Isto, a princípio parece comum, mas o provocador é justamente o quanto estas imagens, que aparecem em abundância, apresentam movimento, sendo capazes de nos falar sobre os pequenos que nelas aparecem. Spaggiari (1996) ao comentar a obra salienta como é difícil encontrar pesquisas e publicações em geral que procurem trazer as vozes das crianças sem distorcê-las. Ao serem traduzidas corre-se o risco de perderem sua originalidade, adquirindo assim uma semelhança muito grande ao jeito de ser adulto. Trata-se aqui da adoção de uma perspectiva inovadora. Ao folhear o livro percebe-se que as imagens “falam”. Podemos enxergar as cores dos espaços ocupados pelos pequenos e pequenas, trazendo-nos o que está se passando ali, indo além e possibilitando a reflexão, o mergulho no contexto vivido por estas crianças, trazendo este universo que nos revela entre o “visível e o invisível”, como afirma Malaguzzi (op.cit., p.13) as interações entre as crianças, entre elas e o espaço físico e entre estes e os adultos professores e professoras. A importância destas para nós profissionais e pesquisadores da educação infantil é fundamental para que, a partir daí possamos pensar mais e melhor sobre a educação de nossos olhares frente às crianças com as quais trabalhamos ou vivemos de uma forma ou de outra e para que possamos perceber essas e outras muitas relações que se lançam em nossa direção e das quais tantas vezes nos esquivamos.

Porém, somo a esta uma outra perspectiva: a de que as fotos, assim como os desenhos infantis que utilizo aqui são também documentos históricos. Documentos devido ao peso que adquirem como informantes que também são sobre um determinado momento histórico. Esta afirmação nos remete a uma pergunta: se é documento como interpretá-lo? Como olhar as fotografias e os desenhos infantis de maneira a enxergar fatos, momentos de nossa História ou mesmo da história das crianças freqüentadoras destes parques fotografados e desenhados,

respeitando o contexto de produção, faixa etária, classe social dos produtores? Trata-se de questões metodológicas interessantes as quais serão abordadas de forma bastante breve, dentro dos limites deste trabalho. Afirmo que são amplas as possibilidades de ver, olhar, interpretar, analisar as fotos e os desenhos infantis, cada qual com pressupostos teóricos interessantes e importantes a serem considerados. No campo da Pedagogia da Educação Infantil, esses muitos olhares, ou mesmo o que se poderia chamar de educação de um olhar próprio para as produções dos pequenos ainda está sendo construído. Alguns dos pressupostos nos remetem, num primeiro momento à tentativa de afirmar que fotos e desenhos nos trazem cenas tais como reproduções fiéis da realidade vivida, como se estivessem congeladas. Esta perspectiva chega a ser um tanto reducionista já que limita-se somente ao ideal realista⁴ que trazemos em nossos olhares, afirmação esta que já sabemos ser bastante frágil, pois com isso desprezariamos o fato de conterem também a imaginação e as intervenções daqueles que os produziram. Com a tecnologia tão desenvolvida atualmente, podem também ser manipuláveis adquirindo composições diferentes daquelas fotografadas ou desenhadas inicialmente. Outro elemento a ser considerado é que em alguns momentos nossos olhares tornaram-se tão enrijecidos e enquadrados em algumas buscas que reduzem a possibilidade de serem ampliados, aprofundados, e sobretudo permissivos em relação à imagem observada.

Quanto às formas de olhar a pesquisadora e historiadora Moreira Leite (1993) nos traz referências interessantes. Apresentando a preocupação de considerar as fotografias como documentos, não deixa de pensá-las como portadoras de informações que vão para além da documentação histórica, afirmação essa que poderia ser dirigida aos desenhos infantis.

Na maioria dos casos, não se consegue estabelecer parâmetros analíticos para essa documentação, que tem caráter diverso do da documentação escrita (...) por sua vez, as fotografias estão a exigir um estudo comparativo de sistemas, de significados, das mediações entre a realidade que se quer compreender e a imagem desta realidade. As fotografias devem ser consideradas pelo historiador da mesma forma que outra prova qualquer – avaliando mensagens que podem ser simples e óbvias ou complexas e pouco claras. Nunca contém toda a verdade e muitas vezes se limitam a registrar aspectos visíveis de matéria prima elaborada (op.cit., p.26).

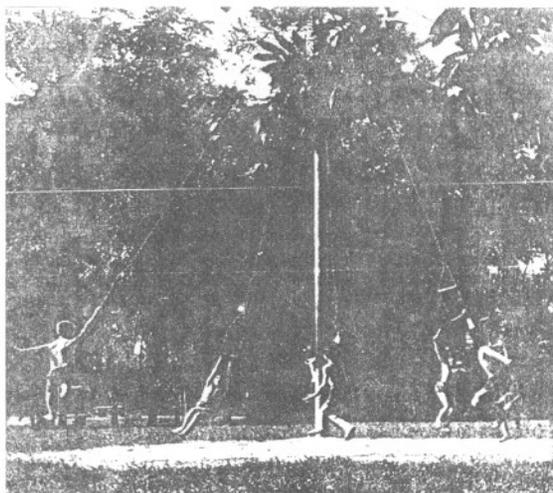
Apenas para ressaltar, em ambos os casos, desenhos infantis e fotografias são percebidos também como documentos mas que vão além dos mesmos, como afirma o texto já citado, contêm em si informações que tantas vezes extrapolam o registro ou cópia fiel do que está ao redor, são portadores de sonhos, de imaginação, de vínculos constituídos com seus produtores e que devem ser considerados por trazerem códigos muitas vezes dominados somente por seus produtores e que fogem dos limites do observador comum ou mesmo do pesquisador.

4. A pesquisadora e professora da UNESP-SP Miriam Celeste Martins afirmava, em palestra proferida em 06.12.2000 no auditório da Faculdade de Medicina da USP, que temos em nosso olhar o ideal Renascentista que procura o figurativo em tudo o que observa. Segundo ela devemos nos desarmar deste olhar procurando outras possibilidades.

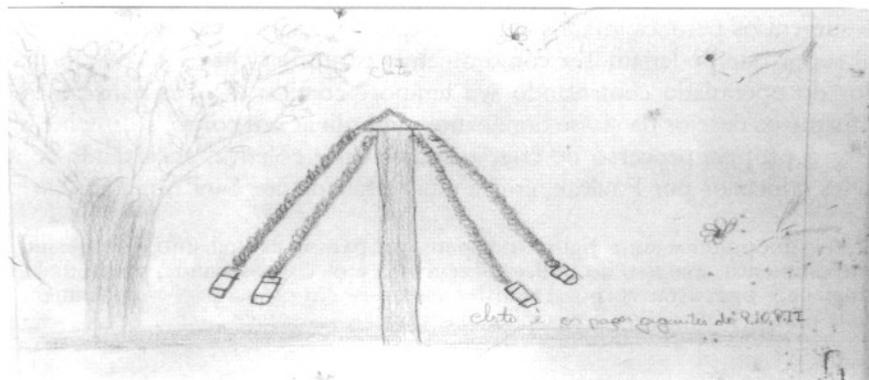
No caso específico do desenho infantil a bibliografia é ampla, o que não significa que a mesma tenha dado conta da complexidade que se reúne nesta forma de expressão infantil. Ele representa uma das principais linguagens das crianças, sobretudo dos pequenos e pequenas, e como tal foi amplamente pesquisado em diferentes áreas de conhecimento. Prepondera nos estudos do desenvolvimento psíquico infantil onde tem encontrado ressonância entre os profissionais da Educação. Estes, muitas vezes, o utilizam de uma maneira que se aproxima da terapêutica, procurando perceber nesta forma de expressão das crianças o que é revelado sobre as fases de seu desenvolvimento psíquico. Uma outra forma de utilização dos desenhos dentro do espaço escolar os resume a preenchedores de tempo entre uma atividade e outra tida como mais importante pela professora, demonstrando com isso, não ter sido eleito como produção importante tal como as demais disciplinas escolares.

Nenhuma destas abordagens, aliadas à Psicologia do Desenvolvimento Infantil, serão utilizadas neste artigo, os desenhos que o compõem, assim como as fotos, estão se oferecendo como provocadores de discussões sobre os parques infantis e o que ocorria neles em mais um período conturbado da história política brasileira – o Estado Novo – de caráter ditatorial e que dividia espaço com práticas tão inovadoras no que se refere à educação infantil pública do município de São Paulo. Mesmo considerando os desenhos e as fotografias das crianças nos parques com textos, estes apresentam-se lado a lado com os escritos, o que estou considerando fundamental para que possamos entrar em contato com este universo de forma mais aprofundada, tendo a perspectiva da conjugação de imagens fotográficas com os textos escritos.

F1



F2



Essas crianças nos parques (F1 e F2) e a foto do desenho infantil (F2) produzido por uma de suas frequentadoras para o concurso de desenhos proposto para crianças entre 3 e 12 anos, no ano de 1938 nos parques da Lapa, D. Pedro II, Ipiranga e Biblioteca Municipal, dispensam textos pois por si só traduzem e falam de um tempo curto – três anos – durante o qual a educação pública da cidade de São Paulo viveu em sua essência o que acredito ainda deva ser sua bandeira de luta: o espaço de educação como local privilegiado para a expressão do ser criança, onde brincar, correr, fazer arte em seu sentido mais amplo, possa acontecer e onde meninos e meninas tenham suas potencialidades oportunizadas para que possam viver de fato o direito à infância.

É bom ressaltar que o surgimento dos Parques Infantis em São Paulo não ocorreu em um momento político que poderia ser avaliado como tranqüilo. Estávamos vivendo a concepção ideológica do Estado Novo com Getúlio Vargas, sendo decisivo para a elite industrial que procurava assegurar sua ascensão ao poder. Esse período se caracteriza ainda pela difusão de uma ideologia própria que procurava assegurar a formação do chamado homem novo que procurasse se integrar à nação, que fosse puro de atos e pensamentos, neste sentido o desenvolvimento de atividades físicas que se prestassem à construção de um corpo delgado, com espírito de disciplina, com destreza, com saúde, beleza de formas e harmonia de proporções eram algumas das metas a serem alcançadas. A educação física e a educação do corpo e da mente ganharam proporções mais amplas, sua importância era grande devido à contribuição que poderiam dar para a formação deste homem, num conceito de cidadania no qual a democracia e a criticidade não estavam contemplados.

Será que nos parques infantis a educação do corpo que era propagada e que beira à ditadura da raça pura preconizada pelos nazistas, encontrava eco? E os desenhos das crianças, retratavam essas imposições ao corpo e à mente? Sentar, levantar, enquadrar-se em tempos e espaços limitados por adultos professores e professoras, faziam parte das propostas de trabalho dos parques infantis? Expressar-se pelas vias das linguagens artísticas – desenho, pintura, marcenaria, teatro – estavam atrelados aos ideais do Estado Novo que procurava se consolidar? Podem nos ocorrer estas e outras perguntas quando olhamos para imagens como

as apresentadas aqui em conjugação com o que sabemos dos entornos políticos, sociais e culturais da época em que foram produzidos. Contudo, é neste contexto que surgem os parques infantis em São Paulo, e devido a isso pode nos parecer fácil supor que poderiam Ter como objetivo contribuir para a formação destes filhos do operariado controlando seu tempo e criando espaços para educá-los conforme os desejos da classe dominante: subordinar seu corpo, sua mente, seus atos e o próprio processo de criação individual e coletiva, encaixando-se nos moldes criticados por Foucault, crítica esta ressaltada por Sant'Anna (2000).

(...) o biopoder é uma figura indispensável para o capitalismo e exige um investimento massivo do poder sobre a vida e os corpos: saúde, sexualidade, higiene e bem estar corporal transformaram-se em preocupações fundamentais para o controle ou a disciplina das populações (op.cit., p.80).

F3



Ao contrário do que podemos ser levados a supor, que os parques infantis seriam instituições privilegiadas para o exercício do poder investido na construção de corpos dóceis e subordinados, os parques infantis traziam em seu interior concepções avançadas para a época. O que se enfatizava no trabalho com os jogos teatrais e as danças folclóricas era justamente que em tais experiências prevalece o espontâneo sem a direção das professoras, de forma a moldarem o processo para a obtenção de resultados considerados bons e bonitos pelos adultos. O corpo não era treinado de modo a dominar a natureza dos gestos e jeitos de ser criança. É interessante para que pensemos nisto a contribuição apresentada por Vaz (1999) para quem para se dominar a natureza externa deve-se dominar

primeiramente o que há de natureza no homem, que é o seu corpo. Neste sentido ensinar às crianças o domínio regrado e ordenado de seu corpo com a utilização de danças e o desenvolvimento de jogos teatrais dirigidos seria um dos aspectos do domínio da natureza do ser criança, construindo ou antecipando um adulto de formas corporais e atitudes já dominadas. O que se pretendia com o incentivo a estas manifestações artísticas era justamente conhecer a cultura nacional a partir de nosso folclore. Aproveito para fazer coro à afirmação de Faria (1999a) ao dizer que tínhamos formas de trabalho tão adiantadas até para nossos dias, residindo aí um dos fatores que impedem aos municípios de reassumirem hoje algumas destas propostas.

Abordando de forma breve, o que se sabe é que os parques, diferentemente das atuais EMEIs, não tinham uma preocupação com a alfabetização, com a antecipação do ser adulto na criança preparando-a para o futuro, quando será então concebida como cidadã. Conforme Faria (op.cit.),

O PI oferecia para estas crianças e para as outras freqüentadoras, a oportunidade de se expressarem artisticamente, brincarem e jogarem, enfim de continuarem crianças (op.cit., p.157).

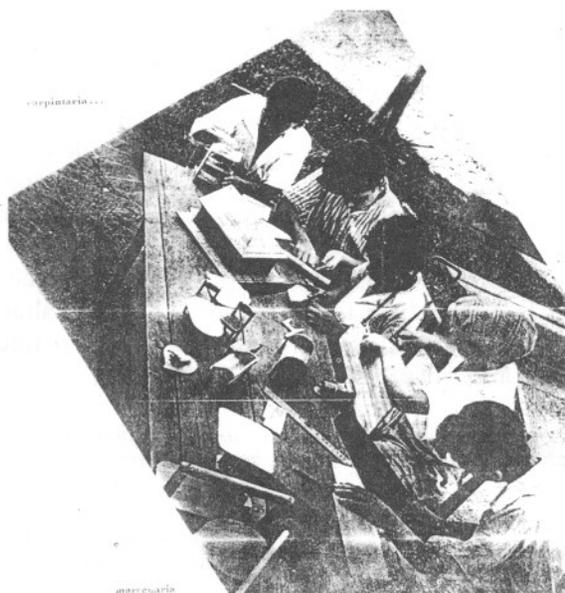
Para não reproduzir o modelo escolar da citação anterior, a ênfase do PI estava no aspecto lúdico, nas brincadeiras, nos jogos tradicionais infantis (op.cit., p.158).

É interessante, pois ao olharmos as imagens já apresentadas, F1 e F2, mesmo pesando a dificuldade de atentarmos para os detalhes devido à baixa qualidade das reproduções, é possível perceber a existência do que já fora referido: uma paisagem natural rica, com brinquedos para serem usados indiferentemente pelas crianças. Vale ressaltar a surpresa causada pela semelhança existente entre os desenhos do brinquedo e a foto do mesmo e o que aparece depois nas F6 e F7. Imagens boas para pensar sobre o espaço físico e o espaço que o próprio desenho adquiria entre as crianças e o que era proposto pelas professoras.

Retomo aqui os estudos da arquiteta brasileira Mayumi de Souza Lima (1989)⁵ que em suas pesquisas, traz desenhos de crianças sobre o espaço físico escolar e as relações de poder que o mesmo contém. Nesta produção, diferente do que se vê ao olhar os desenhos coletados por Mário de Andrade nos parques infantis, o que se pode perceber facilmente são carteiras escolares enfileiradas – não muito distante do que conhecemos bem no espaço escolar/escolarizante – e crianças atarrachadas a elas. Como mencionei são imagens que nos levam a pensar sobre que educação estamos proporcionando e sobre que corpo estamos formando nas escolas de educação infantil as quais, atualmente, não mais privilegiam o espaço livre da brincadeira e da arte presente nas atividades, dando ênfase às atividades escolares com currículo e disciplinas mais rígidas. Se pensamos que os desenhos também podem retratar o que é vivido pelas crianças, não podemos deixar de lado que temos aí o retrato de perspectivas diferenciadas de educação e respeito à criança.

5. Em seu livro "A cidade e a criança" (1989) esta pesquisadora apresenta fotos com reproduções de desenhos de crianças nossas contemporâneas os quais retratam a escola vivida por elas: espaços reduzidos e plenos de carteiras e lousas distanciando crianças e professores, assim como o saber do prazer.

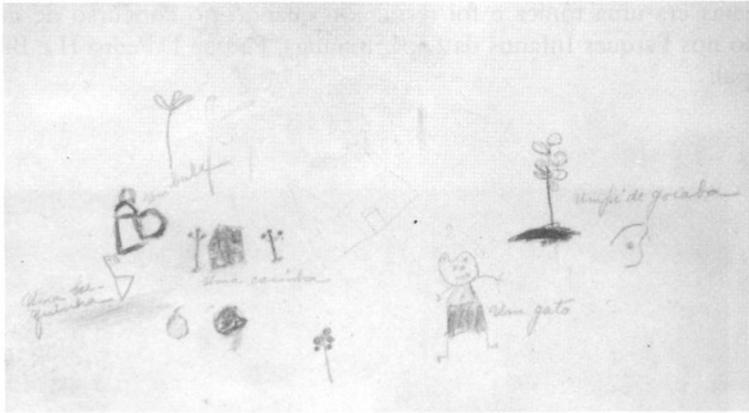
F4



Por acreditar nas crianças como produtoras de cultura, o Parque Infantil se colocava como local de convívio com a natureza e a diversidade da cultura nacional. A preocupação com que as crianças conhecessem as manifestações culturais brasileiras era muito grande e o trabalho com o folclore, a música e a dança era uma constante em seu interior.



F6



Embora alguns autores como Paula (1997) e Hortale (1990) nos apresentem pesquisas que se contrapõem a estas afirmações pautando-se por uma análise mais determinista, segundo a qual os parques infantis seriam campos livres e preparadores de um homem novo e encaixado de forma subordinada à ideologia da classe dominante, o que tínhamos era justamente a contraposição a isto. Ao contrário da educação mais rígida e coercitiva do corpo, tendo nele o alvo privilegiado para exercícios físicos regrados, e no jogo o expoente maior para a difusão das regras e de um comportamento social mais disciplinado, tinha-se a preocupação com a vivência do ser criança, onde o jogo tanto podia ensinar as regras sociais como também sua transgressão. Vale observar que na maioria das fotos e mesmo na que apresenta as crianças desenhando, meninos e meninas encontram-se sem camisas. Esta prática é hoje bastante difícil de ser vista nas atuais EMEIs. O corpo da criança atualmente ficou coberto, não se apresentando mais como um lugar por onde possam passar experiências dos sentidos, dos afetos. Deve ser redescoberto. O espaço para transgredir, é importante que se perceba, estava presente. Uma das preocupações atuais mais constantes no trabalho docente na educação infantil – mas não só neste grau de ensino – é estreitar os limites de forma que a transgressão, assim como o imprevisto de forma positiva⁶ encontrem-se distantes do cotidiano. Por não se aprender a lidar com ambos passa-se a concebê-los como elementos que depõem contra o exercício docente do bom profissional. Conforme Faria (1999b):

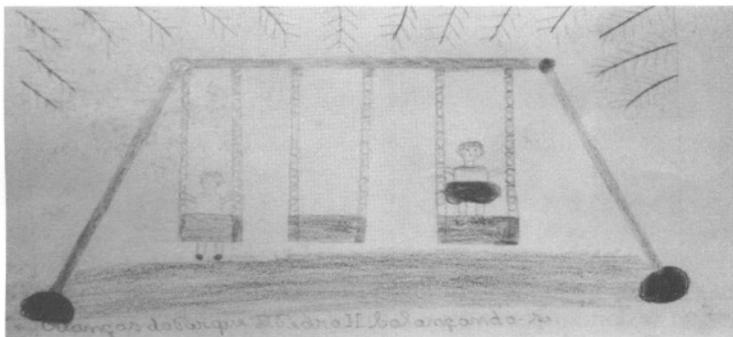
(...) no PI as instrutoras também deveriam brincar com as crianças, ensiná-las a brincar e preservar as brincadeiras tradicionais e não lhes perturbar ou ameaçar sua liberdade e espontaneidade (idem).

Trata-se de uma proposta que, embora aparentemente simples, reúne elementos que exigem um amplo trabalho de formação de professores que incorpore posturas mais flexíveis, permissivas, sensíveis.

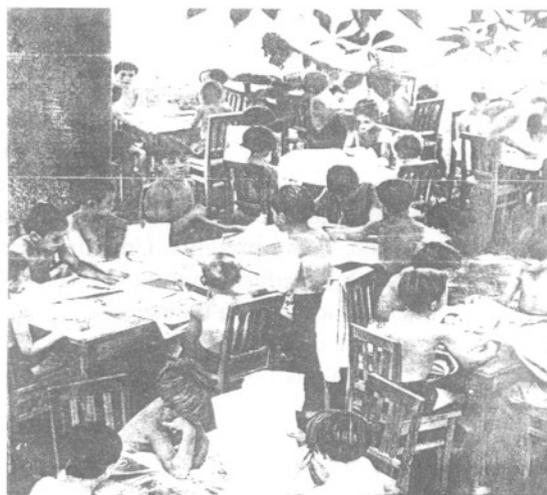
6. Sobre esta questão ver artigo de Búfalo na Revista Pro-Posições, v. 10, n.1 (28), mar/1999.

Estas proposições eram válidas também para a produção dos desenhos e demais expressões artísticas das crianças. Preservar a liberdade de expressão dos desenhistas era uma tônica e foi ressaltado quando no concurso de desenhos realizado nos Parques Infantis da Lapa, Ipiranga, Parque D.Pedro II e Biblioteca Municipal.

F7



F8



A síntese do projeto educacional que não escolarizava, conforme Faria (1999a), poderia ser percebida também no trabalho realizado para e durante o concurso. O respeito à multiculturalidade nacional e às diferenças de gênero foram consideradas suas marcas e encontram-se presentes até hoje nos desenhos coletados e guardados no Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Eram feitas anotações

sobre a nacionalidade, a faixa etária e o sexo dos desenhistas, dando assim, entre outras coisas, a possibilidade de realização de inúmeras pesquisas posteriores, assim como, que tivéssemos um contato mais amplo com o contexto do qual as crianças faziam parte.

Introduzo este texto com algumas perguntas e uma delas diz respeito à relação mantida entre Mário de Andrade – idealizador dos Parques Infantis – e o que neles acontecia quanto às produções artísticas das crianças. Como já salientei essa era a tônica dos trabalhos neles realizados. Quanto aos desenhos podia-se dizer que eles faziam parte de sua vida desde sempre. Uma afirmação extraída de “Será o Benedito” já é capaz de mostrar-nos um pouco do Mário de Andrade apreciador de desenhos infantis, e como os mesmos acabam, a partir de sua narrativa, a construir imagens que se aproximam de nossa própria infância:

(...) os desenhos, sobretudo, me renasciam em minha meninice, porque os desenhistas ingleses de livros para meninos foram sempre muito coniventes comigo. Eu era todo anguloso, em minha magreza crescida; os meninos da minha convivência me davam a impressão de bichos, ratinhos, gatos e tico-ticos gorduchos, que eu olhava de cima e não compreendia bem. Na verdade a minha altura me deixava numa enorme solidão. (...) só os desenhistas ingleses me davam companheiros de altura (Andrade,1992, p.83).

Neste momento, Mário nos conta sua impressão em relação aos desenhos ingleses de ilustração, a experiência narrada assemelha-se ao mergulho possível e ao diálogo com os desenhos. Ouso dizer que essa sensibilidade expressa em relação às produções infantis resultou num poeta/criança, como ele mesmo se chamava, preocupado com o social, daí também o político. Quanto aos desenhos infantis manifestava-se elevando seu *status* colocando num mesmo patamar de tantas outras produções já consideradas e de autores reconhecidos.

Há também uma dificuldade generalizada em aceitar como bons e sublimes, os desenhos das crianças. Apesar destes não ficarem devendo nada às vezes até aos de Rembrandt e muitos outros gênios (Andrade,1975, p.137).

Quando se manifestava sobre a Arte contrapunha-se àqueles que a pensavam enclausurada em espaços reservados para o consumo da Arte, consumo este, aliás, reservado à elite. Deixamos nosso tempo para ir aos templos da arte consumi-la sem que ela faça parte de fato de nossas vidas. Segundo Moraes (1999),

Para o escritor modernista, também a arte, encontra-se desviada de seu destino que é ser a base da vida do homem em sociedade (op.cit., p.14).

Referindo-se à perda da arte em jogo, diluída na vida de todos os cidadãos, aponta a adoção de uma atitude estética como possibilidade de superação da situação atual, forma esta em que a Arte encontraria sua verdadeira vocação social, sem, contudo ter uma postura ideológica. Vocação esta que poderia ser expressa também entre os adultos trabalhadores para quem eram reservados exposições e incentivos para vê-las, assim como para a produzirem, de forma a construir uma atitude estética em relação à arte.

Essa mesma postura preocupava em tornar a Arte “consumível” de fato e presente em todas as classes sociais indiferentemente, o aproximou da arte-educação. Em texto organizado por Ana Ame Barbosa e Telê Ancona Lopes para o catálogo da exposição de desenhos infantis do concurso já referido, há alguns anos depois, as autoras afirmam que Mário já antecipava discussões atuais sobre arte-educação.

Voltando aos parques infantis, afirmo que estes tinham em seu espaço a possibilidade e o desejo de realização desta concepção de Arte. Onde teatro, desenho, música, marcenaria, encontravam-se diluídos no cotidiano de seus frequentadores. Segundo Ancona Lopes (1988),

Quando se pensa que ainda pesam, sobre as classes infantis, exigências da ótica padronizada pelo adulto (às vezes até na escola renovada), é forçoso reconhecer que as regras do concurso, privilegiando a liberdade de criação e incentivando a originalidade, serviram para suscitar discussões, para enfim, educar os professores. Vale lembrar o item cinco do regulamento: é absolutamente proibido sugestão e muito menos correção dos instrutores ou quem quer que seja aos trabalhos das crianças. E, a cada criança, sendo permitido escolher o que quisesse, e participar com vários desenhos, calcule-se a importância a seu artefazer (op.cit., sem paginação).

Para encerrar afirmo que o poeta-político-educador e brasileiro sensível às questões nacionais apresenta a educação como palco privilegiado para a realização do inovador e que se tornou ousado para nossos dias. Espaço no qual se possa proporcionar, independente de classes sociais, o direito a ser criança de fato. Os parques infantis, durante o período em que Mário de Andrade dirigia o Departamento de Cultura em São Paulo, se apresentaram como cenários onde estas mudanças poderiam atuar. As imagens aqui apresentadas, assim como os desenhos produzidos pelas crianças, trazem elementos importantes para que pensemos a educação e a educação infantil hoje, e nos pequenos e pequenas que a frequentam, com toda a sua especificidade, e educar nossos olhares não apenas para percebermos as produções infantis, mas também para que percebamos seus produtores. É um desafio a ser abraçado em direção a não mais sonegar o direito à infância.

Referências às imagens

Os créditos aos produtores dos desenhos foram encontrados em catálogo produzido pelo IEB – Instituto de Estudos Brasileiros – e estão anotados nas próprias produções das crianças. Estes desenhos encontram-se no Instituto de Estudos Brasileiros na Universidade de São Paulo. As anotações que seguem encontram-se registradas nos próprios desenhos das crianças.

F1: Brinquedo dos parques infantis, sem referência ao seu nome

F2: Menino. 10 anos. Branco. Filho de sírios (sem nome escrito). Faz a seguinte afirmação sobre o desenho que está produzindo: “isto é os paços gigantes do parque D. Pedro II”

F3: Meninos e meninas no tabuleiro de arcaia

F4: Carpintaria e marcenaria ao ar livre

F5: Menino no balanço, um dos brinquedos dos parques

F6: Menina. Brasileira e filha de brasileiros. 5 anos. Desenha e denomina seus desenhos da seguinte maneira: “um gato, um pé de goiaba, uma barquinha, uma casinha e um bule”.

F7: Menino. Filho de italiana e brasileiro. Denominou seu desenho como: “crianças do parque D.Pedro II balançando-se”.

F8: Meninos e meninas desenhando

Referências bibliográficas

ANDRADE, M. *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1975.

_____. *Será o Benedito? Crônicas do suplemento em retrogravura do Estado de São Paulo*. São Paulo: Educ., 1992.

BUFALO, J.M.P. O imprevisto previsto. *Revista Pro-posições*. Vol. 10., n.1 (28), mar/1999, p.119-132.

FARIA, A.L.G. *Educação Pré-escolar e cultura*. São Paulo: Editora Cortez, 1999.

_____. A contribuição dos Parques Infantis de Mário de Andrade para construção de uma pedagogia da educação infantil. *Educação e Sociedade*. n. 69, p.60-91, 1999b.

GOBBI, M. Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho, relações de gênero e educação infantil. Dissertação de Mestrado, FE Unicamp, 1997.

HORTALE, G. (Org.). Os parques de recreação do Estado Novo e a contribuição da cultura corporal na sociedade brasileira. *Motrivivência*. Ano II, n.3, Universidade Federal do Sergipe, Jan/1990.

MAC/IEB. *Catálogo de exposição dos desenhos infantis da coleção*. Mário de Andrade. 1988.

MORAES, E.J. *Limites do Moderno: o pensamento estético do Mário de Andrade*. São Paulo: Editora Relume-Dumará, 1999.

MOREIRA LEITE, M. *Retratos de família*. São Paulo: EDUSP, 1993.

PAULA, D.F. O treinamento físico da criança pobre no Estado Novo: a experiência do Parque Infantil na cidade de São Paulo. *Pós-história*. Assis, Vol.5, p. 171-183.

REGGIO-CHILDREN. *Il piccolissimi del cinema muto. Giochi di finzione al nido fra pesci e bambini*. Comune de Reggio Emilia, Itália, 1996.

SANT'ANNA, D.B. Corpo, ética e cultura. In: *O corpo e o lúdico*. BRUHNS, H. e GUTIERREZ, G.L. (Orgs). Campinas: Editora Autores Associados, 2000.

SOARES, C. *Imagens da educação no corpo*. Campinas: Editora Autores Associados, 1998.

VAZ, A.F. Treinar o corpo, dominar a natureza. Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *Cadernos Cedes*. Ano XIX, n. 48, p.89-109, agosto 1999.